



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO- FE

**UM OLHAR PEDAGÓGICO: A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA
ESCOLARIZAÇÃO INICIAL**

BIANCA CRISTIANO DE SOUSA

BRASÍLIA-DF

Junho 2016

BIANCA CRISTIANO DE SOUSA

**UM OLHAR PEDAGÓGICO: A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA
ESCOLARIZAÇÃO INICIAL**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr^aSônia Marise Salles Carvalho.

Brasília- DF

2016

LISTA DE SIGLAS

PAS – Programa de Avaliação Seriada

UNB – Universidade de Brasília

LDBEN – Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

ECA- Estatuto da Criança e Adolescente

PNE - Plano Nacional da Educação

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

TERMO DE APROVAÇÃO

Trabalho final de curso de autoria de Bianca Cristiano de Sousa, intitulado UM OLHAR PEDAGÓGICO: A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA ESCOLARIZAÇÃO INICIAL, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia da Universidade de Brasília, em **27/06/2016** à banca examinadora abaixo assinalada:

Professora Dr^a. Sônia Marise Salles Carvalho – Orientadora

Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

Professora MSc.^a Liége Gemelli Kuchenbecker – Examinadora

Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

Professora Esp. Juceia Marques Guimarães – Examinadora

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, SEDF

Dedico esse trabalho à minha família, base inesgotável de amor, dedicação, esforço e admiração em todos os momentos, em especial à minha mãe Joana Cristiano por toda luta em busca do meu desenvolvimento e aos mestres da minha trajetória até a graduação.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus por ter me abençoado e me guiado nessa trajetória.

Agradeço imensamente aos meus pais, Joana e Edinaldo por todo carinho, amor, paciência, por sempre batalharem junto comigo na minha formação, pelas palavras de incentivos, por todos os esforços para o meu desenvolvimento. Agradeço minha irmã Bruna por sempre estar ao meu lado, por toda sua atenção e paciência.

Agradeço toda minha família, meus avós, tios(as), primos(as) e meu padrinho, que de todas as formas me apoiaram e incentivaram na construção desse trabalho.

As minhas melhores amigas de longa data, Michely e Rayza, queridas que sempre acreditaram na minha capacidade e me incentivaram a concluir essa etapa.

Todos os colegas que tive o prazer de conhecer na Universidade de Brasília, algumas amigas que levarei por toda a minha vida, que já são como irmãs: Márcia, Laís, Danielle, Larissa, Alexandra, Anna Carolina.

As minhas amigas professoras Moana Miranda, Juceia Marques, Yonara Rocha e Luce Ferreira, que me mostraram quão maravilhosa e gratificante é essa profissão.

Agradeço todos os professores da Faculdade de Educação que fizeram parte da minha trajetória acadêmica. A querida Professora Teresa Cristina que com toda sua doçura me acolheu no seu projeto e me introduziu na linha desta pesquisa.

Agradeço minha orientadora Sônia Marise, uma mulher humana e solidária, que me auxiliou com todo carinho, atenção e compreensão nessa etapa de conclusão do curso.

Por fim agradeço a todos que foram fundamentais nessa minha trajetória, inclusive aqueles que aqui não foram citados; meu muito obrigado de coração!

RESUMO

O presente trabalho tem como propósito analisar e investigar a importância da afetividade na educação infantil. Para construção foi desenvolvido um resgate bibliográfico de autores como Piaget, Vygotsky, Antunes e Arantes. A pesquisa tem como metodologia a abordagem qualitativa, cuja coleta de dados ocorreu em duas escolas da rede pública do Distrito Federal, com turmas das séries iniciais da educação básica. O método utilizado na pesquisa foi a observação participante, complementada com narrativas da professora regente de uma das turmas observadas. Sendo assim, compreender, a partir da base teórica e experiência empírica, aspectos como: o que é afetividade, sua importância e influência no ambiente escolar. Com base na pesquisa, os resultados mostraram que a afetividade se faz presente no início da escolarização, como forma de desenvolver o processo de ensino e aprendizagem de todos os envolvidos.

Palavras chaves: Afetividade, Ensino e Aprendizagem.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar e investigar la importancia de la afectividad en la educación infantil. La construcción de este se ha desarrollado un rescate bibliográfico de autores como Piaget, Vygotsky, Antunes e Arantes. La metodología de investigación es cualitativa. Se llevó a cabo dos escuelas públicas en el Distrito Federal, con series iniciales de la educación infantil. Los instrumentos de investigación fueron la observación participante y las narrativas de la maestra de una de las clases observadas. Así que entender, desde los aspectos teóricos y empíricos de experiencia, tales como; que es la afectividad, su importancia, influencia en el ambiente escolar. Con base en la encuesta, resultados mostraron que la afectividad está presente en la educación de la primera infancia como una manera de desarrollar el proceso de enseñanza y aprendizaje para todos los involucrados.

Palabras clave: afectividad, educación infantil, enseñanza y aprendizaje.

SUMÁRIO

PARTE I MEMORIAL EDUCATIVO	10
MEMORIAL	11
PARTE II MONOGRAFIA	18
INTRODUÇÃO	19
Capítulo 1 - NOTAS SOBRE PERSPECTIVA PEDAGÓGICA E AFETIVIDADE NA ESCOLARIZAÇÃO INICIAL	21
1.1 AFETIVIDADE.....	25
1.2 A AFETIVIDADE NO INICIO DA ESCOLARIZAÇÃO.....	28
Capítulo 2 - PRÁTICAS PEDAGOGICAS	31
2.1 MÉTODO	31
2.2 CONTEXTO DA PESQUISA: ESCOLAS OBSERVADAS	32
2.3 SUJEITOS DA PESQUISA	37
2.4 TURMAS TERRA E LUA	38
2.5 NARRATIVAS DA PROFESSORA DA TURMA LUA.....	42
Capítulo 3 – ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES E DISCUSSÕES DA PESQUISA	44
PARTE III PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	57
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

MEMORIAL

Meu nome é Bianca Cristiano de Sousa, nasci em 28 de abril em 1994, em João Pessoa no estado da Paraíba. Filha de Edinaldo e Joana, a primeira filha do jovem casal, que a partir de uma gravidez surpresa se uniram para cuidar de mim. Após 9 anos meus pais resolveram ter mais uma filha, então veio minha irmã Bruna para me fazer ser a irmã mais velha, também, segundo ela mais chata, a mais alegre, mais confidente e mais amiga. Os meus pais se esforçaram ao máximo para oferecer sempre o melhor para as filhas, com muito amor e carinho.

Quando entrei no colégio tinha apenas 3 anos, no jardim de infância, minha primeira escolinha foi a Escolhinha Favo de Mel, com a professora Roberta, foi quando comecei a conhecer as letrinhas, os números, a fazer os belos desenhos na época, a socializar com outros meios além do central, que era minha família. A estrutura da escola era bem pequena, mas bastante colorida, eu nunca dei trabalho, sempre gostei muito de ir, de participar das atividades, das apresentações e das festas de comemorações; nesse colégio estudei somente dois anos. Depois, mudei para o colégio Novo Horizonte e nele permaneci mais um ano, este já era bem diferente, com mais espaço, com varias opções de atividades físicas para minha turma, como lutas, balé, natação, futsal, dentre outras; a turma já era bem maior, me recordo com ajuda de fotos, que a professora era bem novinha e muito calma e atenciosa, diferente de muitas lembranças de outras pessoas que se recordam das professoras brigando e sendo um pouco mais velha; a minha foi bem diferente, não tenho nem uma lembrança negativa das minhas mestras da infância, sempre penso na minha educação infantil com muito carinho e alegria como um momento da minha vida que foi bem estruturado que me ajudaram de certo modo a construção do que vivo hoje.

Em 1999 meu pai recebeu a proposta de vir trabalhar em Brasília, logo ele aceitou o convite e veio para capital do Brasil. Um ano depois minha mãe veio comigo, então o ano de 2000 foi o ano do salto no meu desenvolvimento,

porque foi quando aprendi a ler, escrever, fazer continhas, cartinhas, desenhos mais elaborados, e tantas outras coisas. A minha primeira escola em Brasília foi a Escola Classe 411 Norte, era um das mais próximas da minha quadra, era bem pequena, tinha um pátio no centro, as salas ao redor e ao fundo do pátio um parque de areia com balanços, escorregador e poucos brinquedos. Ao escrever sobre essa escola todas as lembranças me vem à cabeça, e isso é muito engraçado porque hoje noto que estudei praticamente em todas as salas, quando entrei, estava na pré escola, eu tinha 6 anos, era justamente a primeira sala, assim que entrava na escola e foi nesse ano que aprendi a ler e escrever, com muito esforço porque sempre fui muito tímida, então era muito calada na sala, quieta, então isso dificultou um pouco, mas a dedicação da professora fez com que naquele ano eu aprendesse a ler e escrever, logo o ano passou e estava aprovada para 1ª série. Descobrimo a escola, conhecendo os novos amigos, os vizinhos, os parentes que moram na cidade que eu nem sabia que existia, comecei a entender a confusão que estava na minha cabeça, de que agora eu teria de viver nesse novo ambiente, longe dos outros familiares que eram a minha convivência mais direta. Com o tempo fui me adaptando com a cidade, a escola, já tinha vários amigos, vizinhos, já tinha aprendido novas brincadeiras.

Os anos seguintes foram na mesma escola, todos sem reprovar, com boas notas, um pouco mais comunicativa, porque já tinha uma intimidade maior com a turma que já estávamos alguns anos juntos, me recordo com carinho dos amigos que fiz nessa época, que tenho contato até hoje, minha amiga Ilana muito querida, meu amigo Caio que sempre demonstrou seu carinho por mim apertando minhas bochechas, meus amigos e vizinhos os irmãos Ronaldo e Reginaldo, que sempre iam junto comigo pra escola, meus amigos do bloco: Lucas, Gabriela(Gabi), Thayna, Vitor, são todos amigos queridos que fiz na infância e que sempre lembrarei carinhosamente.

No meu último ano na Escola Classe 409 Norte, tive o prazer de ter aula com a professora Yonara Rocha, uma mulher incrível, que tenho uma admiração e carinho imenso, uma profissional exemplar que conseguiu transmitir os conteúdos sempre com muito respeito e carinho pelos seus alunos, eu lembro que ela sempre esteve muito preocupada com os alunos,

sempre muito atenciosa. A sua postura me fez ver que ser professora não é sinônimo de uma profissão ruim, negativa. A partir daquele momento, tive a consciência que podemos criar laços com a professora, ter amor e carinho por alguém que está presente para o nosso melhor e isso foi muito significativo para a minha vida.

No ano seguinte mudei de escola porque já estava na 5ª série do ensino fundamental e a escola não atendia mais os alunos da 5ª série, fui então para o Centro de Ensino Fundamental 409 Norte, essa escola ainda era mais perto da minha casa, ela tinha biblioteca, sala de computadores, muitas salas de aula, e esse ano foi mais um ano de mudanças, no ensino porque agora tinha praticamente uma professora por disciplina, teria mais responsabilidade enquanto aluna, nessa escola, os alunos é que trocavam de sala, então para o costume que eu tinha na 4ª série isso era super diferente, muitas novidades, novas amizades, muitas mudanças, mas mesmo com as grandes novidades consegui passar de ano.

Em 2006 tive que me mudar de casa, eu e minha família, mudamos para um condomínio próximo ao Paranoá, no qual moramos até hoje; com isso minha residência se tornou muito longe da escola, e tive que mudar de escola novamente. Fui então para o Centro de Ensino Fundamental Darcy Ribeiro na quadra 31 do Paranoá, eu já estava na 6ª série, mais uma mudança no ensino, mais uma adaptação e socialização com as pessoas. Nessa escola tive que estudar no período matutino, bem diferente de todos os outros anos, que sempre estudei durante o turno vespertino.

A escola Darcy Ribeiro foi uma mudança muito significativa na minha vida, pude conhecer quão diferente o ensino pode ser, conheci muito da comunidade e isso foi bem importante porque como era novata não conhecia nada, e escola me ajudou bastante nesse sentido. Na escola fiz muitos amigos, estudei no colégio da 6ª até a 8ª série, foram três anos conhecendo muitas pessoas. Nessa escola minha dificuldade e da maioria dos alunos era com matemática, pois a professora era bem severa em sua didática, os alunos sentiam medo dela, mas a minha dificuldade assim que cheguei na escola foi com a disciplina de história onde a professora fazia provas orais e eu nunca me

saía bem, depois que estava acostumada me recuperei, na 8ª série no último ano nesta escola minha dificuldade veio com a matemática; como a turma já era bem unida, os alunos, já com aquele sentimento de que são do ensino médio mesmo antes de serem aprovados na 8ª série fez com que eu me perdesse nessas ilusões e quase reprovasse, porém no final do ano, creio eu que passei pelo conselho, já que a dificuldade era só em matemática e no geral eu era uma boa aluna, então com isso fui aprovada. Em 2008 terminei meu ensino fundamental no grande colégio Darcy Ribeiro, hoje fazendo uma análise foi uma etapa significativa, pois a comunidade interfere muito no ensino das escolas, nessa escola vivi um cumplicidade e humildade que as outras escolas não tinham.

Em 2009, resolvi estudar no Centro de Ensino Médio Paulo Freire, novamente na Asa Norte, também estudei de manhã nesta escola, e mais uma vez estava por viver todas as fases de uma nova escola, agora em um período um pouco menor e com muito mais pressão.

Durante o 1º ano na escola as descobertas foram compartilhadas, já que a maioria dos alunos vinham de outras escolas, foi mais fácil fazer amizades. Na minha turma, que não era dos alunos excelentes, tínhamos um aluno repetente, que foi um bom colega, com ele conseguimos conhecer um pouco mais sobre as histórias da escola já que o restante, todos eram novatos. A turma era bem tranquila não tinha confusão, o pessoal se ajudava muito.

Nesse primeiro ano no Paulo Freire tive a grande experiência de construir uma amizade verdadeira, digo verdadeira, pois mesmo com todas as mudanças na vida ela permanece até hoje, conheci minha melhor amiga Rayza Santos que me ajudou muito na escola, que era minha cúmplice em muitas coisas, estávamos sempre juntas, uma dupla dinâmica. No final do ano Rayza teve que mudar de cidade, e foi um momento muito triste, pois todos os sonhos criados para os próximos anos foram sendo desfeitos e tivemos que viver com a distância.

Os anos seguintes na escola foram bem tranquilos, sem muitas novidades, os professores os mesmo, a direção também, poucos alunos novatos. A equipe escolar dessa escola era bem unida, trabalhava muito pelo

rendimento da escola, os professores, todos nos incentivando pelos vestibulares, PAS, todos pensando no ensino superior.

No último ano na escola, estive em uma turma bem mista, tínhamos alunos repetentes, alunos novatos na escola, alguns que estudavam desde o primeiro ano. Esse ano, como em todas as escolas, era o ano de maior incentivo aos vestibulares e concursos, os professores sempre levantando essas questões em suas aulas. Recordo-me que o professor de matemática era o mais empolgado, em todas as aulas fazia alguma referência a UnB, chegou até propor que quem passasse no meio do ano, no vestibular, já estaria aprovado em sua disciplina e alguns alunos caíram nessa pilha e foram aprovados, não foi o meu caso. Então no final de 2011 concluí meu ensino médio, com muita alegria pela conquista, os meus pais que tem pouco estudo, estavam muito orgulhosos.

Durante todos os anos na escola eu fiz o PAS como a escola tinha um incentivo muito grande, todos os alunos acabavam participando. Lembro que durante o último ano a escolha pelo curso foi algo muito preocupante e confuso, mas contei com as dicas de duas colegas que são professoras de séries iniciais, Moana Miranda e Juceia Marques que me ajudaram muito na escolha do curso. E foi através do PAS que eu consegui ingressar na UnB, eu não tinha nem ideia de que seria aprovada.

Na semana que saiu em praticamente todo o Brasil os resultados dos vestibulares, o PAS foi um dos últimos a sair e eu estava numa tristeza muito grande, pois muitos amigos já tinham sido aprovados, e como eu não pude fazer o vestibular estava bem decepcionada. Nessa mesma semana uma amiga aqui do meu condomínio estava com os primos de Uberlândia em casa e eu fui até lá para conversar, conhecer, e eles todos estavam muito contentes com a aprovação, todos comemorando muito e eu super chateada.

Na semana seguinte uma amiga muito querida, que foi minha primeira amizade assim que me mudei, Michely, foi dormir em minha casa, e então ela resolveu procurar o resultado do PAS, já era madrugada, eu falei que já havia procurado e não tinha achado, mas ela insistiu e voltei a procurar numa lista enorme que eu tinha baixado da internet, então, ela encontrou o meu nome e

foi aquela gritaria, minha mãe acordou, aquele choro, aquela alegria toda, um momento muito feliz, que tirei de certo modo um peso das costas. Foi uma conquista para minha família, muito além de meus pais, porque todos ficaram muito orgulhosos, era a primeira neta, sobrinha, prima a ingressar em uma Universidade Federal, uma das melhores do Brasil.

Em 2012 começa minha vida de universitária, como no início de tudo na vida, foi cheia de novidades, experiências, amigos, espaços novos, rotinas novas, entre outras coisas.

Na formação acadêmica me esforcei para seguir o fluxo, tive momentos bem desanimadores, mas as amigas e a família sempre me ajudaram, com isso, nunca tranquei nenhum semestre, peguei o período de algumas longas greves, que atrapalharam os estudos, mas não me foi muito prejudicial. Consegui também fazer estágio na Universidade, na Diretoria de Esporte Arte e Cultura (DEA), com isso pude conhecer quão ampla ela é, como existem tantos projetos, que atende não só os alunos mas a comunidade em geral. Compreendi que realmente existe uma vida universitária com todo o suporte necessário.

Durante a graduação participei de disciplinas muito interessantes, com varias perspectivas da pedagogia. Algumas matérias e professoras foram bastante significativas para construção do trabalho de conclusão de curso, a professora Teresa Cristina com suas disciplinas de Psicologia da Educação e Psicologia Social da Educação, trazendo um pouco dos conhecimentos da área da Psicologia, a professora Liége com a disciplina de Libras me chamou muito atenção com toda sua doçura e dedicação, a disciplina de pedagogia hospitalar onde conheci um pouco da realidade educacional nos hospitais.

No curso, a partir do 3º até o 5º semestre, com os projetos do curso de pedagogia pude estar mais perto da prática e começar a refletir sobre minha postura, sobre a escola, sobre educação. Esses projetos com as experiências nas escolas de Educação Infantil fizeram total diferença na minha escolha da área de atuação, porque ate então eu só tinha visto os aspectos na teoria, mas na prática tudo muda o que era visto como algo engessado, modelos prontos,

sendo apenas continuidade na sala de aula, muda totalmente de figura, as relações têm um papel muito maior que os conteúdos.

Durante o curso e na minha vida, consegui notar que a afetividade esteve bastante presente na minha construção como pedagoga, desde as relações com os colegas do curso, até os estágios em sala de aula; notei o quanto importante e inesquecível esse afeto se torna, ainda mais quando estamos lidando com crianças, que por natureza são mais acessíveis e comunicativas, abertas para o novo. Consegui notar que as relações afetivas não se baseiam em poder aquisitivo, nem tão pouco em região ou idade, quando conseguimos cativar sentimentos no outro, a afetividade se aflora, a relação segue mais leve e calma, a compreensão e atenção se ampliam e o desenvolvimento acontece. Partindo dessa reflexão, resolvi escrever meu trabalho de conclusão de curso no último semestre sobre afetividade, escrever e analisar observações que presenciei durante minha formação, conhecer o que muitos teóricos defendem sobre o tema.

Com a conclusão da escrita e defesa deste trabalho, se encerra mais um ciclo na minha vida, com a certeza de uma escolha bem feita, com sentimento de gratidão por tudo que pude viver nesses quatro anos e meio de UnB, com vários amigos que levarei para o resto da vida, com boas recordações de um etapa muito construtiva e enriquecedora.

PARTE II
MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Na educação infantil o professor influencia de forma significativa a vida de seus alunos, as crianças em geral o veem como alguém que os protege, ensina, ajuda, transmite confiança e segurança, enfim um exemplo a ser seguido. A afetividade é um dos elementos que colabora para o desenvolvimento da criança. Por meio do contato com o outro e da vida social a criança estabelece vínculos afetivos e se desenvolve. Assim, a afetividade no contexto pedagógico da educação se torna algo primordial.

A partir dessa temática, a pesquisa, busca abordar a importância da afetividade na Escolarização Inicial, como ela está presente nas salas de aula do Distrito Federal. Como ela pode influenciar no momento da aprendizagem, as vantagens e desvantagens, a relação entre o professor e aluno, a presença da família e comunidade na escola, o envolvimento da equipe escolar.

Para essa construção usaremos teóricos que abordaram o tema como Lev Vygotsky, Jean Piaget, Celso Antunes e Valeria Arantes, como base das análises e discussões da pesquisa. Para análises, o trabalho contará com observações participantes em duas turmas em escolas distintas e com a narrativa de uma professora.

O objetivo geral do trabalho é analisar a importância da afetividade nas séries iniciais levando em consideração como esse aspecto pode influenciar e mediar o desenvolvimento infantil. Tendo objetivos específicos, analisar a influência da relação afetiva professor/aluno, aluno/escola, professor/família no processo de ensino e aprendizagem; refletir sobre a influência da afetividade no ambiente escolar, compreender e analisar como a afetividade se torna importante no meio educacional infantil.

Para a construção da pesquisa, como abordagem metodológica, usaremos observações e interações feitas durante os projetos 3 e 4 da grade curricular do curso de Pedagogia, com crianças das séries iniciais da educação básica. Como instrumento de pesquisa usamos o diário de campo, com as devidas anotações sobre o dia observado, que depois resultou em análises.

Contamos também com anotações de narrativas da professora regente de uma das escolas.

A escolha do tema da pesquisa surgiu a partir das experiências com os projetos do curso de pedagogia, me apaixonei pela escolarização e suas peculiaridades, a relação com as crianças foi tão importante que me incentivou a construir a pesquisa com base nessa relação.

O trabalho foi dividido em 3 partes:

Primeira Parte: Memorial Educativo: Tem como propósito apresentar meu percurso desde a educação infantil até a graduação, destacando os acontecimentos e experiências mais significativas.

Segunda Parte: Monografia: Iniciando com uma breve introdução seguida do primeiro capítulo com notas sobre a perspectiva pedagógica e afetividade e escolarização inicial, apresentação do referencial teórico, abordando a educação e suas modificações e direitos, afetividade de forma geral, relacionando em seguida, afetividade e o início da escolarização. O segundo capítulo sobre práticas pedagógicas desenvolvidas na educação tem por objetivo apresentar toda a metodologia desenvolvida na pesquisa, observações participantes, os contextos observados, os sujeitos e os instrumentos. O terceiro capítulo trará análises das observações e discussões da pesquisa; em seguida as considerações finais que os teóricos e a metodologia proporcionaram.

Terceira Parte: Perspectivas Profissionais: Com objetivo de apresentar realizações que almejo para o futuro como Pedagoga.

Com a conclusão do devido trabalho, reconhecemos que a afetividade no campo educacional é um potencializador do desenvolvimento das crianças.

Capítulo 1 - NOTAS SOBRE PERSPECTIVA PEDAGÓGICA E AFETIVIDADE NA ESCOLARIZAÇÃO INICIAL

Neste primeiro capítulo abordaremos a importância da afetividade na educação infantil, como o afeto pode estar relacionado ao desenvolvimento da criança nas séries iniciais. Usaremos para essa construção, o marco legal da educação infantil partindo da Constituição Federal de 88, e os teóricos Piaget, Vygotsky, Antunes e Arantes.

A educação infantil hoje no Brasil atende crianças de zero até seis anos, onde inicia seu primeiro contato com o ambiente escolar, desenvolvendo atividades lúdicas na maioria do tempo. Os jogos e as brincadeiras coletivas estão bem presentes, as crianças são estimuladas a desenvolver suas capacidades cognitivas e motoras, funções significativas para o desenvolvimento.

Com a Constituição Federal de 1988 foi garantido, pela primeira vez na história da educação infantil brasileira, o direito das crianças de 0 a 6 anos frequentarem creches e pré-escolas. A criança ganha espaço e passa a ser considerada prioridade absoluta, sendo ela, um sujeito de direitos e por ser uma pessoa em desenvolvimento é imprescindível o atendimento na área educacional desde os primeiros anos de sua vida.

Juntamente com a Constituição de 88 o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) surge em 1990, para reforçar e garantir os direitos. A partir deste estatuto, crianças e adolescentes brasileiras, sem distinção de cor, raça ou classe social, passaram a ser reconhecidos como sujeitos de direitos e deveres.

O objetivo do estatuto é a proteção dos menores de 18 anos, proporcionando a eles um desenvolvimento físico, mental, moral e social condizentes com os princípios constitucionais da liberdade e da dignidade, preparando para a vida adulta em sociedade.

O ECA ainda estabelece direitos à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à

liberdade, à convivência familiar e comunitária para meninos e meninas, e também aborda questões de políticas de atendimento, medidas protetivas ou medidas socioeducativas, entre outras providências.

O olhar para a criança de séculos atrás sofre mudanças, o que antes era visto apenas como ação assistencialista, onde o estado se preocupava apenas com a saúde, alimentação e cuidados físicos, não levando em consideração as questões pedagógicas, agora ganha seu espaço.

Nesse período de grandes mudanças surge em 1996 a Lei de Diretrizes e Bases para Educação Nacional (LDBEN, Lei nº 9394/1996) incluindo a educação infantil no art. 29º é garantido que:

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996).

Esse direito hoje garantido na educação infantil foi debatido por um longo período de grandes lutas, antigamente as crianças não eram vistas como atualmente, o olhar que se tinha sobre essas crianças era de mini adultos que aos poucos iriam agir da mesma forma que um adulto. Com esse ganho para educação básica a formação de profissionais da área também teve seu espaço.

A educação infantil ganha seu lugar e se torna o primeiro contato das crianças em um ambiente de ensino e educação, sendo a fase das grandes descobertas e novidades para os pequenos alunos que estão sendo inseridos em uma nova atividade em suas vidas, desde a adaptação, o desenvolvimento, o acolhimento, a socialização.

Os Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil, documento que foi criado para melhorar a qualidade da educação infantil em todo o Brasil. Considera que para propor parâmetros de qualidade é imprescindível levar em conta que as crianças desde que nascem são:

- cidadãos de direitos;
- indivíduos únicos, singulares;
- seres sociais e históricos;

- seres competentes, produtores de cultura;
- indivíduos humanos, parte da natureza animal, vegetal e mineral.

Estes pontos apresentados do reconhecimento da criança tem grande relevância para educação e a construção da sociedade. O pensar e reconhecer as crianças como seres que estão em formação, mas que já apresentam suas experiências e assim ajudam a construir novas culturas e histórias.

As crianças atualmente são desafiadas a se ajustar com um novo tempo e modelo para suas tardes ou manhãs e em alguns casos o dia inteiro, esse período inicial de adaptação é muito importante, pois o aluno deve se sentir confortável no ambiente, seguro, e feliz por estar na escola.

O pedagogo e a escola, no geral, têm que buscar cativar esse aluno, fazer com que ele se sinta pertencente a este meio, para aos poucos construir um laço afetivo que seja significativo tanto para o aluno como para o professor, pois o ato de ensinar não se concretiza apenas na transmissão de conteúdos mas a construção de sujeitos completos em todos os âmbitos: físico, mental, intelectual, social e afetivo.

A construção desses alunos representa muito o que se planeja e deseja para a geração futura, sendo eles os atores dessa sociedade. O ensino quando é formado com bases sólidas no respeito, no amor, na construção de valores, na ética, na moral de conduta, na solidariedade, tende a ser uma boa contribuição para a cidade e para a vida dos alunos.

Os Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil apresentam ainda, que é necessário que sejam oferecidas às crianças dessa faixa etária, condições de usufruírem plenamente suas possibilidades de apropriação e de produção de significados no mundo da natureza e da cultura. As crianças precisam ser apoiadas em suas iniciativas espontâneas e incentivadas a:

- brincar;
- movimentar-se em espaços amplos e ao ar livre;
- expressar sentimentos e pensamentos;

- desenvolver a imaginação, a curiosidade e a capacidade de expressão;
- ampliar permanentemente conhecimentos a respeito do mundo, da natureza e da cultura apoiadas por estratégias pedagógicas apropriadas;
- diversificar atividades, escolhas e companheiros de interação em creches, pré-escolas e centros de Educação Infantil.

Essas atividades presentes nas escolas, quando bem direcionadas, com apoio da equipe escolar e da comunidade, podem gerar ótimos resultados que contemplem não apenas a escola, mas as famílias e todos da comunidade.

O governo em 2014 aprovou o Plano Nacional de Educação (PNE) que constituiu 20 metas para educação que devem ser cumpridas em dez anos, dentre elas destacamos:

Meta 1: universalizar, até 2016, a educação infantil na pré-escola para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade e ampliar a oferta de educação infantil em creches, de forma a atender, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das crianças de até 3 (três) anos até o final da vigência deste PNE. (PNE,2014,p.16)

A meta ainda garante:

implementar, em caráter complementar, programas de orientação e apoio às famílias, por meio da articulação das áreas da educação, saúde e assistência social, com foco no desenvolvimento integral das crianças de até 3 (três) anos de idade.(PNE,2014,p.17)

O PNE traz como sua primeira meta, mudanças para educação infantil, ampliando assim o atendimento nas creches e escolas, como também a reestruturação e construção de escolas, com os equipamentos necessários para utilização.

A escola como um espaço de aprendizagem e conhecimento em todos os âmbitos, deve pensar em medidas, em currículos, em projetos que contribuam para o desenvolvimento das crianças, reconhecendo o trabalho dos profissionais da área, incentivando e apoiando em suas propostas.

O ato de educar não pode ser visto apenas como um repassar de informações e de conhecimentos, ao contrário disso o ato de educar só realiza-se com amor, de maneira que o desenvolvimento humano não acontece

somente relacionado aos aspectos cognitivos, mas também, e principalmente, aos aspectos afetivos.

1.1 AFETIVIDADE

A afetividade é um sentimento necessário para a formação de pessoas mais felizes, seguras e capazes de conviver com o mundo que a cerca. Ela é uma importante aliada nas intenções pedagógicas, responsável por criar vínculos relevantes e imprescindíveis para o ensino de educação infantil. Sendo uma importante etapa inicial da Educação Básica, pois tem como principal objetivo estabelecer bases para a personalidade humana, inteligência, vida emocional e social da criança.

No âmbito da psicologia, afetividade é a capacidade individual de experimentar o conjunto de fenômenos afetivos (tendências, emoções, paixões, sentimentos). A afetividade consiste na força exercida por esses fenômenos no caráter de um indivíduo. A afetividade tem um papel crucial no processo de aprendizagem do ser humano, porque está presente em todas as áreas da vida influenciando profundamente o crescimento cognitivo.

Afetividade na escola, nos anos iniciais, é bastante significativa para os alunos, pois é o primeiro contato com pessoas novas, onde passam bastante tempo, e com muitas crianças ao mesmo tempo, onde a atenção, o carinho sempre são compartilhados com os demais que são totalmente estranhos para eles, essa fase geralmente se torna marcante tanto positivamente como negativamente, muitas crianças choram, gritam e não querem permanecer na escola, essas atitudes na maioria das vezes acontecem nas primeiras semanas, em que as crianças ainda estão conhecendo o ambiente escolar, com medo de ficar longe de quem estão habituados. Este é o período de adaptação e acolhimento.

Considerar a adaptação sob o aspecto de acolher, aconchegar, procurar oferecer bem estar, conforto físico e emocional, amparar, amplia significativamente o papel e a responsabilidade da instituição de educação neste processo. A qualidade do acolhimento deve garantir a qualidade da

adaptação; portanto trata-se de uma decisão institucional, pois há uma inter relação entre os movimentos da criança e da instituição fazendo parte do mesmo processo. (ORTIZ, Revista Avisa Lá).

O pedagogo diante dessa situação também tem a responsabilidade de criar estratégias para acolher esses alunos, juntamente com a família, onde todos se sintam confortáveis e confiáveis em permanecer, tanto as crianças como a família, que confia em deixar seus filhos no ambiente com profissionais da área esperando sempre os melhores resultados.

A afetividade é a dinâmica mais complexa de que o ser humano é capaz de lidar, ela acontece a partir do momento em que o sujeito se liga a outro pelo amor, constituindo assim um amplo aspecto de sentimentos associados à história das relações sociais, onde a criação dos vínculos afetivos deve ser compartilhada para que os laços se solidifiquem.

A afetividade é um fator importante nas escolas, interfere principalmente no clima da sala, em turmas harmoniosas, o desempenho dos estudantes acontece expressivamente, os alunos se sentem notados, importantes, sendo pessoas significativas para aquele ambiente. As amizades ou as rejeições influenciam tornando agradável ou desagradável, como também acrescenta ao desempenho do estudante.

Sob a perspectiva de Piaget, desde o nascimento o ser humano está inserido no meio social, agindo da mesma maneira que no meio físico, as relações entre os indivíduos modifica e constitui sua totalidade, o vínculo afetivo assim estabelecido pelo meio social influenciará diretamente o desenvolvimento da criança.

Piaget apresenta importância dos aspectos afetivos e cognitivos na construção do saber e da personalidade, pois para ele é necessário um desejo, um querer, que se encontra escondido na afetividade:

[...] o pleno desenvolvimento da personalidade, sob seus aspectos mais intelectuais, é inseparável do conjunto dos relacionamentos afetivos, sociais e morais que constituem a vida da escola (1994, p.61).

O autor Antunes, ao falar sobre afetividade de certo modo, contemplou a perspectiva de Piaget, ao dizer que afetividade é:

Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, essa necessidade se traduz no amor (Antunes, 2006,p.5)

Essa necessidade que o autor cita no final conseguimos notar evidente na educação infantil, a necessidade do outro, considerando vários fatores tanto fisicamente como socialmente e intelectualmente se manifesta a todo tempo.

O papel desse outro na construção dessas pessoas é algo considerável para o desempenho e empenho, podemos comparar com uma balança à medida que um professor se empenha pela sua classe e consecutivamente por sua escola, os alunos se desempenham melhor, isso acarreta em resultados positivos, tanto do lado do conhecimento, como do lado pessoal, tanto o professor que se sente orgulhoso com seu trabalho bem feito, como o aluno que se sente capaz, sendo elogiado por sua família e os demais.

O papel de um laço afetivo bem constituído abrange vários ganhos e recompensas para os envolvidos, em muitas situações são guardadas na memória afetiva e carregadas pelo resto da vida, servindo muitas vezes de exemplo.

Na relação afetiva, quando o laço e a interação acontecem, é evidente que os alunos se sentem mais motivados e os seus resultados são melhores, mas quando esse laço afetivo não se prende, quando o professor não conquista e nem interage com seus alunos, o rendimento poucas vezes chega além do esperado.

Essa relação segue durante todas as fases do ensino, independente da faixa etária, claro que, dependendo do nível de ensino que está sendo oferecido, a postura e conduta do professor se modifica, mas a afetividade está presente. Porém, ao tratarmos de educação infantil, o afeto se manifesta mais claramente tanto na postura dos educadores como os alunos que demonstram mais carinho.

1.2A AFETIVIDADE NO INICIO DA ESCOLARIZAÇÃO

O início da escolarização é uma das mais complexas fases do desenvolvimento humano, envolve os aspectos de desenvolvimento intelectual, emocional, social e motor da criança, e por essa razão, a escola que oferta essa modalidade de ensino deve organizar-se num ambiente estimulante, educativo, seguro e afetivo, com profissionais qualificados para acompanhar as crianças nesse processo de descoberta e conhecimento, propiciando uma base sólida para seu desenvolvimento, formando crianças que consigam desenvolver suas habilidades e competências de modo a aprender e reaprender, a pensar, a refletir e a ter autonomia, tornando-as participantes ativas no processo de construção do conhecimento.

O professor desempenha um papel essencial no processo ensino-aprendizagem, já nas séries iniciais esse processo abrange mais aspectos, o transmitir conhecimentos se envolve em outras demandas que apenas com o olhar atento do professor consegue se notar os acontecimentos de fora do ambiente escolar que as crianças por muitas vezes deixa transparecer dentro de sala de aula.

A autora Arantes, sob a perspectiva de Piaget, diz que para haver a assimilação de algum conteúdo, seja ele teórico ou prático, seja em uma instituição de ensino ou em um laboratório, deve haver uma interação afetiva entre quem explica o conceito e quem recebe a informação, isso pois é por meio da interação que surge o interesse pelo objeto. É proposto por Arantes que Piaget utiliza uma metáfora entre o motor de um carro e a gasolina da seguinte forma: “a afetividade seria como a gasolina, que ativa o motor de um carro, mas não modifica sua estrutura” (ibidem.,p.5).

A relação professor e aluno quando é mantida com afetividade e estímulo traz segurança para a criança, uma relação de autoritarismo, ameaças, limita a capacidade criativa, impedindo o aprendizado. Atitudes severas com as crianças, como gritos e ameaças são prejudiciais para o seu desenvolvimento, resultam em medo e insegurança. O afeto é um fator fundamental, no processo de ensino-aprendizagem, a afetividade está fortemente ligada à cognição.

A aprendizagem é um fator único e particular na vida de cada um, pois o seu desenvolvimento é um processo contínuo e a afetividade possui um papel indispensável no processo de desenvolvimento do aluno, uma vez que a ausência de uma educação, que não aborda a emoção (aspectos afetivos) em sala de aula e na família, poderá causar prejuízos incalculáveis no desenvolvimento cognitivo dessa criança.

Na teoria de Jean Piaget, o desenvolvimento intelectual é considerado com dois componentes: o cognitivo e o afetivo, ou seja, paralelo ao desenvolvimento cognitivo está o desenvolvimento afetivo. Segundo Piaget (1975) “[...] os aspectos cognitivos e afetivos são inseparáveis e irreduzíveis.”

Sob a perspectiva de Vygotsky (1998, p. 42) temos que:

A afetividade é um elemento cultural que faz com que tenha peculiaridades de acordo com cada cultura. Elemento importante em todas as etapas da vida da pessoa, a afetividade tem relevância fundamental no processo ensino aprendizagem no que diz respeito à motivação, avaliação e relação professor e aluno.

Conseguimos com esses dois autores, compreender que a afetividade caminha em paralelo e conjunto com o desenvolvimento, sendo visto como um fator positivo e construtivo para o processo.

O aprendizado da criança acontece quando o professor a valoriza acolhe e a respeita. Deve haver incentivo, o despertar sua atenção e seu interesse com fontes motivacionais. Em uma aula em que o professor é autoritário, hostil e desinteressado em criar vínculos afetivos, pode levar o aluno a perder a motivação em participar das aulas, o interesse em aprender, podendo gerar sentimentos negativos como desafetos, antipatias e rejeição, o aluno pode associar o professor à disciplina, repercutindo negativamente na aprendizagem e na interação.

As reações negativas que a falta de afeto em sala de aula traz são consideravelmente notáveis, o aluno cria resistência ao ambiente e aos demais. A postura do professor significa muito, seu perfil como profissional diz bastante sobre sua conduta na sala de aula, um professor paciente, afetuoso, compreensivo, aberto ao diálogo, com certeza não terá tantos problemas quanto um professor que não se envolve com a turma, que não se afeiçoa a nenhum de seus alunos, que não tem paciência para lidar com todas as

demandas que a turma apresenta. O ensino acaba sendo estabelecido através de regras rígidas e ameaças e ocasionam em uma grande perda do potencial do aluno que acaba convivendo sob o medo e pressão.

O olhar atento do pedagogo sobre sua classe permite uma assistência quando necessário, às vezes o aluno está com problemas em casa e o professor pode ajudar a passar por essa situação, com mais segurança e coragem, quando necessário, pode encaminhar para psicólogos, psiquiatras, outros profissionais de áreas diversas que possam ajudar a resolver a situação que o professor não foi capaz. O ensino pode envolver varias áreas de conhecimento, basta atenção e esforço pelas partes interessadas, uma professora sozinha não consegue resolver todos os problemas, mas com o apoio de outros profissionais, grandes resultados podem surgir.

O educador é desafiado todos os dias, a escola e a sala de aula são ambientes muito atípicos, no qual existem novidades e mudança todo tempo, as crianças ampliam seus conhecimentos a cada nova etapa de suas vidas, suas posturas mudam a cada minuto, cabe ao professor saber lidar com essas mudanças, ter “jogo de cintura”, estar preparado para trabalhar com os desafios que se enfrentam e vão além dos alunos, existem as cobranças da escola, da família, do próprio professor em ser diferente, em fazer o seu melhor a cada dia, esses desafios são bastante consistentes e importantes quando se valoriza o trabalho que se faz.

Como mediador do processo de ensino e aprendizagem, o professor deve ajudar os alunos a construir aprendizagem significativa, precisa atribuir um sentido pessoal à aprendizagem para que os alunos compreendam não apenas o que tem de fazer, mas também o porquê e para quê. Tendo o encorajamento pelo esforço e não pelo resultado obtido.

O pedagogo precisa conhecer bem as possibilidades de aprendizagem do aluno e suas características individuais, para que possa adequar a metodologia de ensino ao aluno, através da interação, da comunicação, da observação de seus processos de aprendizagem e da reavaliação da proposta a cada nova fase do processo, processo este que muitas vezes não tem um tempo certo, onde cada aluno tem seu tempo, e sua maneira de aprender.

O professor deve proporcionar atividades em que as crianças possam liberar suas emoções e energias acumuladas ao longo das atividades, assim como demonstrar serem dignos de confiança, para que possam ter segurança em lhes contar o que verdadeiramente estão sentindo. Com essa troca de confiança, fortalece o laço afetivo entre o professor e o aluno. Como já foi dito, os aspectos cognitivos e afetivos são fundamentais para o ensino e caminham juntos nessa construção, com isso essas atividades de confiança, companheirismo, colaboração se tornam significativas para o ensino.

No próximo capítulo serão apresentadas algumas práticas pedagógicas vivenciadas durante a graduação, que contribuem para pesquisa e o aprofundamento da análise na relação afetiva nas séries iniciais.

Capítulo 2 - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Este capítulo tem por objetivo apresentar a metodologia da pesquisa, partindo das experiências na Educação Infantil no espaço curricular do curso de Pedagogia denominado Projeto 3 e 4. Usaremos observações de salas de aula conciliada às práticas utilizadas para construir reflexões sobre o tema, utilizaremos ainda as narrativas da professora sob a visão de sua turma e o afeto.

2.1 MÉTODO

A pesquisa foi desenvolvida em caráter qualitativo com base nos resultados de observações e diálogos sobre as práticas pedagógicas. A técnica de coleta de dados conjuga uma observação participante, no qual observou a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem da educação infantil.

As observações participativas feitas na pesquisa contribuíram para uma melhor visão do ambiente escolhido, e com isso o pesquisador e os sujeitos pesquisados se tornaram mais próximos.

Segundo a pesquisadora Valladares(2007) ao abordar sobre a observação participante diz que:

A observação participante implica saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos. É preciso aprender quando perguntar e quando não perguntar, assim como que perguntas fazer na hora certa.(p. 303).

Desse modo, o ambiente pesquisado não sofre interferências do pesquisador. Possibilitando uma compreensão verídica do campo de pesquisa.

O ambiente que foi o utilizado para as observações da pesquisa necessitam desses pontos abordados por Valladares, pois, como o campo foram escolas e os sujeitos da observação na maioria do tempo são as crianças todos os detalhes e ações são bastante notáveis por eles.

Para a realização da pesquisa utilizamos como instrumento o diário de campo, com as devidas anotações sobre o dia observado que depois resultaram em análises. Durante as observações também foi necessária à intervenção com os sujeitos, com o objetivo de uma maior interação com o grupo observado, essas interações na maioria do tempo ocorreram no período de maior descontração das crianças.

O diário de campo é um documento pessoal-profissional no qual o estudante [profissional] fundamenta o conhecimento teórico - prático, relacionando com a realidade vivenciada no cotidiano profissional, através do relato de suas experiências e sua participação na vida social (LEWGOY, SCAVONI. 2002.p.63).

Na construção contamos também com narrativas da professora regente de um das escolas, além da observação de sua prática pedagógica, essas narrativas demonstram mais sobre o perfil do pesquisado e nos esclarece em alguns momentos suas atitudes.

A pesquisa foi construída em duas escolas de localidades bem distintas que juntas fazem seus contrapontos, levando a uma observação comparada. O período de observação foi durante os projetos 3 e 4 do curso de Pedagogia, sendo praticamente um ano de observações nessas escolas.

2.2 CONTEXTO DA PESQUISA: ESCOLAS OBSERVADAS

As observações foram realizadas em duas escolas públicas de Brasília, nas quais são de regiões administrativas diferentes, sendo realidades bem

distintas. As observações surgiram a partir dos projetos do curso de Pedagogia que tinham viés diferente, mas conseguimos observar a presença da afetividade fortemente nas duas escolas.

No período inicial, de conhecer as escolas e analisar suas características, foi possível também conhecer a comunidade de cada uma, notar as referências que os alunos tinham, suas culturas; é notável como a diferença regional pode ser facilmente percebida nas escolas.

A primeira escola observada que identificaremos como Terra, atende o ensino fundamental 1, durante os dois períodos do dia, localizada próximo a cidade de Ceilândia, conhecida como Condomínio Sol Nascente, local este que segundo IBGE foi considerada a maior favela da América Latina, com graves problemas de infraestrutura, segurança, educação, saúde, dentre tantos outros problemas que surgem com a falta da regularização.

A escola Terra é um grande desafio dentro da comunidade, pois ela além de exercer suas atividades normalmente de segunda a sexta, aos finais de semana apoia o Projeto Economia Solidária, do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, foi através desse projeto que conhecemos a escola e iniciamos a pesquisa. A escola tem seu diferencial, com o apoio ao projeto já demonstra sua base sólida da solidariedade e coletividade que a comunidade vive, encontramos uma comunidade com seus problemas e suas qualidades, com vários desafios a serem superados, sempre pensando no coletivo, todos unidos para o melhor. Esse projeto tem suas bases nas questões solidárias onde busca ajudar e apoiar sem ser assistencialista. O projeto então oferece para a comunidade a partir do que eles já têm maneiras de aumentar ou até mesmo criar suas rendas através do artesanato e eventos para população. O projeto é desenvolvido com as mulheres da comunidade, que no caso também são as mães dos alunos, aos sábados de manhã, as donas de casa vão até a escola para receber dicas e construir seus materiais de trabalho, sendo elas as responsáveis pelas crianças, não teve como negar o atendimento e acolhimento também para eles, com isso surgiu à necessidade de pedagogos para as crianças, iniciando assim as observações e intervenções na escola.

Nossas interações e observações aconteciam no período em que as mães estavam fabricando seus materiais, o grupo de pedagogos se dividiram

entre as observações e interações com as crianças, no início tínhamos uma média de 20 e 25 crianças dependendo de cada sábado. Ficávamos em uma sala de aula da escola, os materiais para ministrar as aulas eram de nossa responsabilidade, assim como o lanche, a conservação do ambiente e a limpeza do local.

A escola é consideravelmente grande com um bom espaço com várias salas, banheiros, sala de professores, secretaria, direção, cantina, um pequeno parquinho, quadras de esporte, entre outros, porém, a grande maioria desses espaços não estava na sua melhor forma de conservação, os banheiros, alguns quebrados, as salas bem quentes, o parquinho e as quadras não tinham nem uma cobertura, o gramado quase não existia.

Durante o período de observação conhecemos a diretora da escola, uma ex-estudante da Universidade de Brasília, formada em Pedagogia que em sua época participou do mesmo projeto em uma região diferente. A sua experiência acadêmica foi bastante significativa e importante para o seu desenvolvimento como diretora, pois além de pensar no dever de ensinar, objetivo esse que muitas vezes se torna o principal das escolas, ela pensou em unir, em aproximar a escola e a comunidade incentivando a presença da população nos projetos.

A escola, diante da comunidade com tantos problemas como o Sol Nascente, muitas vezes servia de fuga para algumas necessidades das crianças, não podemos deixar de observar que a escola e a comunidade estão largadas pelo governo, o lixo muitas vezes exposto na porta da escola, a falta de asfalto, são vários detalhes que nós fazemos notar o descaso com a população. Mas, mesmo diante dessa realidade muito triste para alguns, a equipe escolar e a comunidade não se cansam e nem desistem, acreditando sempre que os resultados de seus trabalhos virão.

As observações na primeira escola desconstróem muitos estereótipos sobre as comunidades menos favorecidas, é admirável que em meio a tanto descaso dos dirigentes, existem pessoas esforçadas buscando uma condição melhor de vida, que mesmo com pouco estudo, com empregos de baixa remuneração, muitas vezes até sem empregos, mas que pensam no coletivo,

na educação, sempre estão com bom humor e simpatia para nos receber, vendo no projeto uma grande oportunidade de fazer algo produtivo, de conhecer pessoas diferentes e trocarem experiências de vida.

Com essa primeira escola observamos que o espaço era agradável para as crianças diante das outras possibilidades que elas tinham, que no caso não eram muitas, a escola era um lugar seguro, elas se sentiam felizes, por mais que alguns fatores ao nosso olhar não fosse o mais indicado para os alunos, mas para eles a escola já tinha muitas coisas e era considerada muito boa, claro que reconheciam a necessidade de melhorar, mas o que já existia eles cuidavam e tratavam com carinho e respeito.

A segunda escola Lua, também atende o ensino fundamental 1, funcionando nos dois períodos, como já foi dito anteriormente, escola também é pública, localizada na Asa Norte na quadra 06. A escola diferente da primeira não tem nenhum projeto efetivo com a comunidade. O apoio acontece com a relação forte da escola e a família.

A escola Lua tem uma boa estrutura, com salas de aula grandes, sala dos professores, direção, banheiros, coordenação, biblioteca, cantina, um parquinho, o pátio bem grande no centro da escola com uma parte coberta; entre outros espaços comuns como outras escolas dessa localidade, uma estrutura consideravelmente boa, bem conservada, tudo muito colorido, por dentro e ao redor da escola tudo muito limpo, com asfalto, estacionamento e jardins.

Nossas observações nessa segunda escola foram durante as aulas, no período de algumas tardes, conhecemos bem uma turma especificamente de 1ºano e a professora regente, também conhecemos boa parte da equipe escolar, e a família de alguns alunos.

Nesta escola não foi possível conhecer bem a comunidade, digo conhecer realmente as pessoas que moram próximas a escola, mesmo tendo crianças que moram perto, os encontros com os pais na maioria das vezes aconteciam em eventos comemorativos, o que dificultou uma observação mais

clara do perfil dos pais, porém, no trabalho com as crianças foi possível conhecer um pouco sobre suas realidades, seus costumes, seus hábitos.

A escola Lua tem sua equipe bem unida, todos se conhecem e se ajudam, os projetos desenvolvidos pela própria escola são voltados para união, colaboração, tornando o espaço mais agradável para todos, essas atitudes também são repercutidas nas salas de aula, o incentivo ao ajudar, cooperar com os colegas, com a professora, com as funcionárias da cantina, com todos os que convivem. O respeito pelos colegas e com a escola também marca a personalidade da turma e de toda a escola, com observações no recreio conseguimos ver as crianças especiais, as crianças alguns anos mais velhas brincando todos juntos sem nenhuma complicação. Nesta escola conseguimos também assim como a primeira destacar a coletividade, união, claro que com vieses e interesses um pouco diferente, mas, as duas em alguns momentos tomam posturas muito parecidas.

Durante a observação na escola foi possível em alguns momentos fazer intervenções com as crianças, possibilitando um contato mais direto e mais amplo, participando ativamente dos recreios, algumas festas comemorativas, ficando responsável pela turma em alguns dias, essas ocasiões auxiliava na construção do material da pesquisa, pois além do observar, foi possível ver na prática como funcionam algumas demandas.

A segunda escola, diferente da primeira, não funcionava como fuga para as crianças, pois como se tratava de uma população com a classe social relativamente melhor. Os alunos em alguns casos não gostavam nem de permanecer na escola, diante de tantas outras possibilidades que eles tinham em casa, que com certeza, eram bem mais atrativas. Mesmo com esses casos, a maioria das crianças gostava da escola, eram bastante frequentes nas aulas, todos se relacionavam muito bem, a ausência de algum colega logo era notada, a ausência da pesquisadora também era bastante questionada pela turma. Até mesmo os alunos mais velhos tinham respeito e amor pela escola, algo que foi construído e incentivado sempre pela equipe, de que todos fazem parte daquele espaço, que a presença deles é significativa, que todos esperam o melhor deles.

O ambiente escolar é o local em que as crianças se sentem felizes, conhecem novas pessoas, aprendem coisas novas, e ensinam muitas coisas, a escola por mais simples que seja, por mais problemas que tenham, sempre terá algo especial, a escola Terra mostra bem isso, uma escola que com muito pouco nos ensina muito, nos ensina coisas que nem a melhor escola do país mais rico e desenvolvido um dia saiba, ensina coisas que a escola Lua, mesmo com seu total esforço, não saberá como é, pois a experiência e a vivência são fatores únicos e só estando bem inserido na Terra será possível conhecer.

As duas escolas Terra e Lua são bastante diferentes como já foi dito algumas vezes, mas as duas têm no seu interior, o afeto, o respeito, a educação, como fonte principal de suas condutas. As escolas passam seus conteúdos para as crianças, cada um de um modelo, um currículo, um livro, uma história, uma música, uma comemoração, um poema, mas no final as duas falam a mesma linguagem, do afeto na educação, do afeto como um impulsionador do conhecer, do aprender, pois educar é um ato de amar e ensinar ao próximo algo que já um dia lhe foi ensinado, e hoje nos faz pensar em novos meios de repassar esse conhecimento, sendo tão significativo como foi recebido, com a mesma alegria, amor e dedicação que lhe foi entregue.

Conhecer esses dois ambientes nos traz panoramas diferentes da educação infantil, sobre as estruturas físicas das escolas, sob as atividades que estão sendo exercidas, como o espaço escolar está sendo utilizado, sob o perfil dos alunos, dos profissionais da área. Conseguimos notar como os ambientes da pesquisa são bastante parecidos na relação afetiva, mesmo com tantas diferenças e problemas, existe sempre o afeto na escola.

2.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos envolvidos na pesquisa são duas turmas das escolas citadas anteriormente, totalizando uma média 50 crianças, todas com idade mínima de 6 anos chegando até o máximo de 8 anos. As turmas eram bem divididas em relação à quantidade de meninos e meninas, a grande maioria possuem irmãos e moram com os pais. Observamos também a professora da escola Lua, sua didática, postura como professora e sua relação afetiva com os alunos.

2.4 TURMAS TERRA E LUA

A turma da escola Terra, que também chamaremos de turma Terra, era bem diversificada, tínhamos crianças de 6 até os 8 anos de idade, variando entre 20 e 25 crianças, dependendo de cada sábado, era notável o desafio para essa observação e interação, pois as idades diferentes em certos momentos dificultava o trabalho dos pedagogos, reter atenção e respeito de todos ao mesmo tempo se tornou bastante difícil. A interação com essas crianças surgiu com um propósito de atividades diferentes da sala de aula, mas que não fugisse da ação pedagógica de ensinar, então com essas crianças que estavam entre o 1º e o 2ºano, incentivamos a leitura, construímos jogos, brincadeiras sempre conciliadas em algum conteúdo que sabíamos ser próprio para aquela faixa etária, como jogos matemáticos, construção de figuras geométricas, dentre outras atividades. Tínhamos a preocupação de tornar aquele período interessante para os alunos, uma vez que nosso trabalho estava sendo realizado aos sábados, dia em que a maioria das crianças daquela comunidade prefere estar na rua brincando ou em casa assistindo televisão, diante disso, tínhamos vários desafios.

Os alunos da turma Terra eram bem agitados, todos bastante comunicativos, gostavam muito de falar sobre suas vidas, perguntar sobre a vida dos pedagogos, sempre muito dispostos a conhecer novidades, e sempre esperavam por essas novidades aos sábados, o laço afetivo construído por essa turma era muito bonito de observar, todos já se conheciam, não existiam conflitos dentro da sala, o apoio e cooperação entre eles estava sempre presente nas atividades, os alunos também eram bastante prestativos com os pedagogos, sempre ajudando, recolhendo ou distribuindo os materiais e auxiliando na organização da sala.

Os alunos, por mais que tivessem pouca idade, já eram bastante conscientes sobre assuntos da vida, as experiências que vivam nas ruas e até mesmo dentro de suas casas lhe possibilitaram essa carga de vivências, assim, as crianças conversavam praticamente sobre tudo, até assuntos que não são indicados para suas idades, diante disso, ficávamos muito surpresos em ver crianças tão pequenas com conversas de “gente grande”, como mesmo

tão novos já tem um vasto entendimento de muitas coisas, que muitas crianças de sua idade, de outras localidades não sabem nem o que significa.

A relação afetiva desses alunos com os pesquisadores foi construída aos poucos, a cada sábado um espaço era conquistado e logo os alunos já acostumaram e confiaram nos pesquisadores, fator esse muito importante para a construção da pesquisa. Os alunos já se sentiam seguros em compartilhar e demonstrar carinho pelos pesquisadores, sempre com cartinhas, abraços, palavras carinhosas. O acolhimento acontecia mutuamente; ao mesmo tempo em que os pesquisadores se esforçavam para cativar os alunos, eles eram surpreendidos com receptividade ao chegar à escola, com várias crianças correndo para abraçar, com bastante empolgação.

Durante o período de observação da turma Terra identificamos algumas características marcantes nas crianças, a grande maioria passava pouco tempo com os pais, sempre estavam na companhia de seus irmãos, pois como seus pais trabalhavam bastante não sobrava muito tempo para estar com as crianças, e com as dificuldades econômicas, poucas ocasiões de lazer em parques, clubes, shoppings era possível para aquelas crianças. Então notamos em alguns momentos uma carência de afeto, em coisas simples como um beijinho de boa noite, ou um abraço de bom dia que são momentos comuns na grande maioria das famílias, com os diálogos notamos que muitas vezes as conversas e momentos com os pais era voltado apenas para perguntar como estava na escola, ou pedir para que as crianças fizessem algo, e por mais que elas se esforçassem dificilmente eram reconhecidas e elogiadas por suas tarefas cumpridas, notamos também que a grande maioria das crianças tinham uma rotina muito severa dividida em ir pra escola, fazer os deveres de casa, ajudar na organização da casa e alguns ainda ajudavam em cuidar os irmãos mais novos.

Na turma da escola Lua que também chamaremos de turma Lua, tínhamos 25 crianças dividida em 12 meninas e 13 meninos, com idade entre 6 e 7 anos, todos no 1º ano, apenas um era repetente, os alunos eram bem próximos, pois muitos estudaram juntos no jardim de infância, e outros moravam na mesma quadra, alguns são parentes, então, os alunos são bem

amigos e todos se conhecem. Os alunos eram bem ativos, participativos, todos falavam bastante, sempre tinham uma história para contar, o clima da turma era bem calmo, eles não eram agressivos, então, na sala nunca tinha brigas, não falavam palavrões, existiam os combinados feitos no início do ano que montaram junto com a professora, algumas regrinhas para o melhor convívio em sala de aula, como respeitar o amigo, não poder sair sem pedir autorização, fazer as atividades entre outras coisas. Na sala existiam os ajudantes do dia, onde geralmente a professora seguia a ordem alfabética, sendo dois ajudantes por dia, que auxiliavam em pegar os cadernos dos colegas, em entregar as atividades, às vezes buscar algo na direção para a professora, enfim eles ajudavam em pequenas tarefas, ser o ajudante do dia era algo muito desejado pelas crianças todos queriam ser, existia uma expectativa muito grande por esse dia.

A turma Lua desde sua organização na sala já demonstrava a cooperação, eles se sentavam em dupla, geralmente um menino e uma menina, em lugares diferentes quase todos os dias para não acostumar com um lugar fixo. Como se sentavam em dupla, existia muita conversa paralela, a turma era bastante falante, sendo até uma das reclamações da professora, mas observamos que além das conversas, os alunos se ajudam bastante nas tarefas, até na hora de responder oralmente, em relação às atividades podemos dizer que eram todas feitas em duplas.

Nesta turma foram feitas mais observações do que interação, mas mesmo assim, foi possível construir uma relação com as crianças. Dentro da sala de aula apenas observamos o método da professora, as ações das crianças, o envolvimento entre eles, o clima da sala.

As relações afetivas eram todas bastante positivas, a professora tratava muito bem os alunos, e eles tinham um carinho e respeito enorme por ela, e sempre demonstravam isso, o relacionamento entre eles na maioria do tempo era feito na confiança e na verdade, a professora deixava isso bastante claro nas aulas, especialmente no momento que precisava dar alguma bronca. Os alunos entre si eram bem amigos, os conflitos que surgiam eram bastante simples e logo era resolvido porque sempre chegava aos ouvidos da

professora, que logo fazia com que pedissem desculpas e resolvessem o problema.

Durante o início das observações, a presença da pesquisadora foi bastante notada pelas crianças, eles ficaram muito curiosas, toda hora estavam próximas, faziam perguntas, pediam ajuda, queriam a pesquisadora próxima deles, isso foi interessante porque o envolvimento surgiu da curiosidade dos alunos, com o passar do tempo os alunos já estavam mais familiarizados com essa presença. Então começamos utilizar os recreios e as festas da escola para interagir mais com as crianças, podendo conversar, fazer mais perguntas, conhecer um pouco da família e da vida delas, coisas que no momento das aulas não poderíamos fazer.

Nossas interações mais efetivas com a turma Lua aconteceram nos recreios, sempre brincando com as crianças, ensinando algumas brincadeiras novas, cativando as, e isso virou uma regra todos os recreios eles queriam que estivesse participando. Com esse contato eles se sentiram mais a vontade e começaram a demonstrar mais afeto, através de cartinhas, de abraços, de presentes, queriam tirar fotos nas festas, pediam o número do telefone para poder ligar, sempre querendo estar próximo demonstrando muito carinho. Um fato interessante durante a observação da turma foi na despedida da pesquisa, em que ao avisar que já estaria terminando e não iríamos mais participar das aulas, os alunos ficaram muito tristes e então a professora e os alunos combinaram uma festa surpresa para o último dia, que foi muito emocionante para todos, a pesquisadora ganhou muitos presentes, muitas cartinhas, muitas formas de carinhos.

A turma Lua na sua grande maioria era de classe social média, muitos eram filhos de militares, moravam com os pais, tinham irmãos, não demonstravam nenhum problema financeiro, a turma tinha um nível social bem diferente da turma Terra, os alunos todos gostavam muito de passear no shopping, ir ao cinema, viajar, estar com a família, entre outras coisas. Os pais dos alunos a grande maioria era bastante preocupado com o rendimento dos filhos, sempre muito atenciosos e carinhosos com as crianças também.

As crianças da turma Lua em comparação com a turma Terra ainda era vivenciava, a infância tal como ela é, as crianças conversavam mais sobre brincadeiras, jogos, os passeios de finais de semanas, sobre seus animais de estimação, diferente das crianças da escola Terra, que tinham mais experiências com assuntos da vida, nota-se que as crianças da turma Lua realmente tinham uma vida de crianças, que não tinham obrigações rígidas de nada, que não tinham conversas sobre determinados assuntos, que não assistiam determinadas programações.

As duas turmas têm seus contextos bem opostos, mas mesmo assim não deixaram de ser crianças com alegria no olhar, curiosas com o novo, prestativas, sempre muito empolgadas e carinhosas. As crianças por mais diferentes que fossem elas demonstraram ter o afeto como algo em comum, o afeto que surgiu por uma pessoa que elas nunca tinham visto antes, que com o tempo conheceram um pouco e que conseguiram lhe cativar de alguma forma. O sentimento afetivo é algo que todos têm e sempre em determinadas situações deixaremos transparecer, por sorte da pesquisa, que os resultados foram positivos, pois seria muito traumatizante para as crianças e para a pesquisadora carregar a lembrança de algo importante como negativo.

2.5 NARRATIVAS DA PROFESSORA DA TURMA LUA

Durante o período de pesquisa na turma Lua, conseguimos também observar a relação da professora com a turma e conversar sobre afeto em algumas ocasiões.

A professora Lucia, tinha 24 anos, era novata na escola, estava assumindo a turma pelo contrato temporário, era seu primeiro ano em escola da rede pública, não conhecia muito as outras professoras, ela era bem nova mais já tinha uma vasta experiência em sala de aula, tinha trabalhado em escolas particulares, a professora teve sua graduação em Pedagogia pela Universidade de Brasília.

Durante as aulas a professora era bem calma e paciente com os alunos, todo momento interagindo com a turma, sempre conversando diversos assuntos, mas sem se estender muito para não fugir dos conteúdos

programados, os alunos adoravam conversar sobre suas vidas, todo o dia ela recebia muitos abraços, elogios, os alunos gostavam de compartilhar o lanche com ela, durante a semana ganhava cartinhas, algumas vezes presentes, os alunos sempre muito carinhosos, gostavam muito dela, ela também correspondia a esse afeto, gostava bastante da turma sempre fazia alguma surpresa, se preocupava com os materiais para aula, planejava todas as aulas, não se negava em abraçá los, poucas vezes a turma era chamada atenção, ela prezava muito pelo respeito e a pela verdade.

Através dos diálogos com a professora, conseguimos perceber o olhar dela sobre a turma, nas conversas ela informou que também percebia a turma muito carinhosa e emotiva, que os alunos, até mesmo entre si, eram muito carinhosos e eles sempre demonstravam isso, com abraços, trocando desenhos, lanches e brinquedos. Contou uma situação ocorrida em que a menina chorou para sentar próximo dela na sala, essa situação foi bastante complicada para professora, pois ela procura ser sempre muito justa e igualitária nas suas ações, então ficou um pouco perdida, já que a menina estava chorando bastante.

Em relação ao desenvolvimento da turma ela considerou que eles estavam indo muito bem, e realmente estavam, durante a reunião com a equipe escolar ela foi elogiada pelos demais colegas pelo belo trabalho que estava sendo feito. Questionamos se ela considerava que existia alguma ligação entre afetividade e desempenho deles, ela disse que sim, porque os alunos como se relacionavam muito bem com ela e com os colegas da turma acabavam sendo mais presentes nas aulas e sempre querendo participar, ela durante as aulas incentivava bastante as crianças, como era uma turma de 1ºano a maioria estaria aprendendo a ler naquele ano então ela procurava sempre que todos tentassem e utilizava dois ou três alunos que já sabiam como exemplos, notamos que assim ela tanto motivava os que estavam aprendendo a ler como elogiava os que já tinham conseguido.

A relação da professora com família dos alunos também era muito boa, alguns pais iam buscar os filhos e conversavam com a professora sempre querendo saber como tinha sido o comportamento, ela sempre muito atenciosa

conversava com eles, em alguns casos encaminhava recado na agenda marcando um dia para poder conversar sobre o rendimento do aluno.

A postura da professora durante a pesquisa foi bastante ética, sempre se preocupando em manter limites nas relações com os alunos, sem ser grosseira ou magoar as crianças, e isso ela passava como dica para pesquisadora, que como professora devemos ter o melhor envolvimento possível com a turma mas sempre sabendo que isso logo acabará e que no próximo ano como resultado de um trabalho bem feito, os alunos mudarão de classe, de professora, não se deve apegar tanto as crianças, pois somos passageiros na vida delas, devemos fazer o nosso melhor no tempo que temos com elas.

Capítulo 3 – ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES E DISCUSSÕES DA PESQUISA

Este capítulo tem por objetivo analisar algumas observações feitas durante a pesquisa, apresentando as categorias mais marcantes durante a experiência.

Utilizaremos algumas interações da turma Terra, porém ressaltaremos mais observações da turma Lua, pelo motivo de ter sido mais dias seguidos em contato com as crianças, assim conseguimos analisar melhor a rotina da turma, verificar se alguma situação era repetitiva, entre outros aspectos.

Durante o início das observações nas duas turmas, nosso foco era conhecer, verificar se existia alguma rotina, se havia alunos com alguma necessidade especial, se a turma se conhecia, observar como aconteciam as relações com os colegas e os demais. Esse período também foi a adaptação das crianças com a pesquisadora.

Como já foi dito anteriormente, separamos as observações mais marcantes para pesquisa.

- ✓ Acolhimento e Recepção

O início das observações foi marcado pelo acolhimento das turmas, especialmente na turma Terra, pois era como o primeiro dia para todos, pois as crianças estavam indo para escola aos sábados sem saber quem iriam encontrar, o que iriam fazer; por mais que estivessem com seus pais próximos, ainda existia um certo medo e insegurança em permanecer na sala, muitos deles não queriam entrar, alguns entravam e logo depois voltavam para perto de suas mães.

A adaptação pode ser entendida como o esforço que a criança realiza para ficar, e bem, no espaço coletivo, povoado de pessoas grandes e pequenas desconhecidas. Onde as relações, regras e limites são diferentes daqueles do espaço doméstico a que ela está acostumada. Há de fato um grande esforço por parte da criança que chega e que está conhecendo o ambiente da instituição, mas ao contrário do que o termo sugere não depende exclusivamente dela adaptar-se ou não à nova situação. Depende também da forma como é acolhida.(ORTIZ, Revista Avisa Lá).

Então, no primeiro dia, foi feita uma apresentação de todos na presença dos pais para que também eles se sentissem mais tranquilos em deixar as crianças sozinhas com as pedagogas, depois as pedagogas já iniciavam um jogo para reter atenção das crianças e assim as mães foram saindo, e o jogo desenvolvendo, com o objetivo de conhecer mais as crianças.

No início das interações com a turma Terra o acolhimento sempre era necessário já que, como passávamos alguns dias sem ir até a escola e como cada sábado aparecia alguma criança nova, tínhamos sempre que levar uma dinâmica divertida para o momento do acolhimento, algo que fosse interessante e participativo, para evitar também que as crianças saíssem da sala e fossem até suas mães.

Com o passar do tempo essas atividades de acolhimento já não eram mais necessárias às crianças, pois, já estavam acostumadas, os abraços e carinhos surgiram como a nova forma de recepção.

Na turma Lua foi diferente uma vez que o acolhimento era feito pela docente durante a entrada, o período de recepção às crianças no pátio no qual todos corriam, abraçavam e beijavam a professora, alguns traziam uma florzinha que pegavam pelo caminho, as crianças também se cumprimentavam

com abraços, beijos, batendo na mão do amigo. Depois desse período da entrada não nenhuma atividade de acolhimento até pelo motivo de todos já estarem adaptados com o espaço e todos da sala.

As crianças da turma Lua não tinham nem um problema em permanecer na escola, como já estavam no 1º ano e julgavam ser grandes considerando chorar, ou fazer mal criação como atitude de bebezinho, eles mesmo afirmaram que choravam pra não ficar quando estavam no jardim de infância, agora isso não acontecia mais.

O acolhimento é um fator muito importante dentro do ambiente escolar a partir dele as crianças e a família conhecem mais da escola e dos profissionais, sendo o início da relação com equipe, por isso o envolvimento da família com a escola é tão necessário os professores muitas vezes sentem ausência do pais como uma forma negativa ao trabalho desenvolvido, sentem que o educação do filho não é levado em conta pelos pais ainda mais quando falamos das series iniciais.

✓ Relação da Família repercutindo na sala

Nesta observação usaremos uma situação que ocorreu com a turma Lua, como de costume após a entrada de todos em sala, logo os alunos perceberam os colegas que ainda não tinham chegado, ou poderiam ter faltado. Nesse momento foi notado ausência de um colega, todos pensaram que ele tinha faltado, minutos depois a professora foi chamada pela porteira, e a turma ouviu choros e berros vindo do pátio logo todos foram para porta olhar e então era o colega que ainda não havia chegado.

Nesse momento a professora pediu um favor para que eu ficasse com a turma dando continuidade a atividade enquanto ela acalmava o aluno. Depois de alguns minutos de conversa finalmente ela conseguiu convencer o menino em entrar, não se passou muito tempo ele começa a pedir para professora ligar para sua mãe, a professora tentou enrolar, mas ele continuou insistindo até que novamente começa a chorar, então como a professora estava bem ocupada me aproximei do aluno em sua mesa e conversei um pouco perguntando o que estava acontecendo, porque estava chorando daquele jeito, ele disse que queria ficar mais tempo com sua mãe que teria lhe deixado na escola, dizendo estar com saudades, então disse para ele se acalmar que logo aula terminaria

e ele poderia estar com sua mãe, ele começou a chorar mais, então disse ainda para que ele se acalmasse que era um garoto muito bonito para estar chorando, que ele já estava igual um tomate todo vermelho de tanto chorar, falei que ele não precisava ficar daquele jeito que as coisas iriam se resolver e que se ele fosse pra casa ele perderia o parquinho com a turma, então ele levantou a cabeça perguntou se realmente era o dia do parque confirmei que sim, ai ele ficou calado, pedi para que bebesse um pouco de água e pedisse para a professora para ir ao banheiro lavar o rosto, então ele foi e voltou mais calmo me surpreendeu com um abraço, perguntei se estava melhor e afirmou que sim e então voltou para atividades da sala.

Nota-se que o abraço do aluno foi como uma demonstração silenciosa de afeto após as palavras da pesquisadora, vemos que o afeto também é desenvolvido por conversas, com palavras de carinho, com atenção, não sendo necessário o afeto físico para demonstração do carinho.

A sensibilidade é um aspecto que também está relacionada com a importância que o educador demonstra em escutar, conhecer e compreender as motivações e influências que estão por trás da criança, em aprender, participar das atividades e desenvolver seus conhecimentos.

Neste dia de observação, como era dia do parquinho, houve mais tempo para conversar com a professora como já havia uma boa relação com ela perguntei sobre a reação do aluno, ela me contou um pouco o motivo do menino estar daquele jeito, ela disse que os pais são separados e que o menino mora com o pai, a mãe não liga muito para ele, nunca aparece nas reuniões, nem nas festas da escola, essa situação já teria acontecido outras vezes, ela contou que a mãe mente para o menino faz promessas de que virá buscá-lo no final da aula mas nunca vem, e ele muito esperto já notou que sempre que ela fala isso ele é enganado, então para ele ficar mais tempo com a mãe não queria entrar na escola. A professora afirmou que nessas ocasiões sempre tem muita paciência e calma para conversar com as crianças, mas que também não pode parar a aula para dar total atenção para um aluno, por isso em alguns casos ela manda para orientadora para que a criança possa se acalmar e voltar para sala mais tranquila.

Percebemos que o papel da família é importantíssimo para vida das crianças, a família é a base sólida na vida delas, onde devem se sentir

amadas, cuidadas, apoiadas e respeitadas. Em relações conturbadas, os problemas repercutem na escola, já que é o local que passam bastante parte do dia. O papel dos pais na educação persiste em muita dedicação e incentivo ao aprendizado dos filhos, procurando sempre estar presentes em todas as experiências das crianças.

O desenvolvimento das crianças depende em grande parte de uma educação familiar e escolar comprometidas com o amor, a compreensão, o diálogo, os limites, a responsabilidade, a solidariedade, comprometidas com a moral e a ética, com valores permanentes e com bons exemplos.

✓ Eu não sei ainda, tenho vergonha

Nesse dia a atividade desenvolvida pela professora era de leitura, as crianças, cada um com seu livro de português, teriam que ler um pequeno texto para resolver os exercícios, a professora gostava bastante de responder as atividades oralmente, pedindo auxílio dos alunos para lerem os enunciados e, no caso dessa atividade, teriam que ler o texto também. A professora iniciou a leitura do texto e depois foi indicando aos alunos para continuarem, alguns com dificuldades, mas a leitura ia seguindo. Em um determinado momento uma aluna se recusou em ler, dizendo que ainda não sabia e tinha vergonha, a professora se aproximou da mesa e disse que não precisava ter vergonha ela teria que apenas tentar e com isso a professora foi lendo junto com ela até o final do texto, quando terminaram a professora agradeceu e elogiou a aluna, e todas as crianças que auxiliaram na leitura. Foi possível notar na expressão do rosto da criança, como estava contente com o elogio, se sentiu importante e capaz de fazer a leitura.

A postura da professora demonstra o reconhecimento pelo esforço dos alunos, e mostra como o incentivo ajuda na obtenção de resultados não apenas diretamente no ensino, mas na confiança no ego dos alunos, sentimentos que são importantes quando se está aprendendo algo, conseguir perceber que tem capacidade e que existem pessoas reconhecendo sua dedicação e vibrando pelas suas conquistas.

O processo de ensino e aprendizado se fortalece quando esses incentivos positivos, as palavras de apoio entram em cena. E notável que em qualquer situação quando se tem o incentivo e ajuda de alguém mais

experiente o processo caminha mais rápido, quando estamos inseridos na educação infantil esse incentivo é um grande aliado dos professores, os alunos se sentem motivados, notados pelo professor, eles se sentem especiais e valorizados.

O auxílio de outra pessoa no processo de desenvolvimento infantil é muito significativo e importante, sabemos que existem várias pessoas influenciadoras envolvidas nesse processo. Essa influência quando bem colocada, unindo vários campos com aspectos positivos, como as crianças, que em casa são muito estimuladas e na escola são sempre incentivadas, o rendimento dessa criança será consideravelmente melhor.

O sentimento de medo e insegurança na sala de aula é algo muito comum, o medo em errar e ser julgado acompanha as pessoas por todas as fases da vida, mas esse sentimento deve ser superado, o clima da sala influencia bastante, para isso, no caso da educação infantil, o modo como corrigir deve ser sempre muito bem colocado, pois isso pode causar algum trauma na criança. O profissional deve se conscientizar de que seu papel e suas falas são sempre muito significativas e marcantes para seus alunos.

✓ Quem te ensinou isso?

Nas observações das turmas Terra e Lua vimos que em muitas situações, algumas frases, manias e até mesmo roupas eram imitadas pelas crianças, ações que só foram sendo percebidas depois de um tempo de convivência, momentos muito engraçados, quando ouvíamos crianças utilizando frases que usamos com elas, sendo ditas por elas, nota-se como uma frase ou um bordão muito utilizado em sala pode marca as crianças.

Durante uma atividade de São João com a turma Lua, a professora pediu para que os alunos pintassem muito bem o casal de bonecos, que seria o enfeite da mesa para festa da escola, pediu para que quando tivessem terminado, entregassem para ela, quando ela pegou os primeiros desenhos dos alunos mais apressadinhos e menos caprichosos, ela logo disse: - Ai ai ai meninos, vamos melhorar, é para nossa festa! Os meninos pegaram de novo o desenho e foram pintar. Depois, algumas meninas foram até a professora e pediram para ficar com os desenhos, queriam levar para casa e de novo ela

disse: - Ai ai ai garotas, mas se vocês levarem nossa festa não terá enfeites. Prometo que quando acabar a festa vocês podem levar. E mais uma vez o bordão “Ai ai ai” da professora estava presente.

Durante o dia algumas crianças começaram a usar antes da frase o bordão, isso nas conversas entre eles, até que um aluno pediu para a professora um lápis porque ele havia perdido o dele, então falou:

- Professora, me empresta um lápis?

- A professora perguntou: Cadê o seu? Você deve cuidar mais do seu material.
- Aluno: Ai ai ai professora, eu não sei onde eu perdi.
- Professora: Ai ai ai Manuel! (nome fictício) quem te ensinou isso?
- Aluno: O que professora?
- Professora: Esse Ai ai ai que você falou.
- Aluno: Eu! Aprendi com você nas aulas, todo dia fala - Ai ai ai olha a fila. - Ai ai ai vou ficar magoada com vocês. Ai ai ai vamos parar de conversar. Assim professora quando você fala com a gente.
- Professora: Então você esta me imitando?
- Aluno: Eu não!

Depois disso a professora sorriu, entregou o lápis e pediu que tivesse mais cuidado para não perder e o aluno voltou para o seu lugar.

Diante dessa ocasião notamos que os alunos estavam bastante atentos na professora, até mesmo seu bordão foi notado por eles, e observamos que eles adoravam falar o “Ai ai ai”, achavam super engraçado, o interessante foi que o bordão era utilizado em várias situações, para chamar atenção, para fazer algumas brincadeiras, para pedir ajuda, dentre outras coisas.

Com a turma Terra durante uma interação lemos um pouco do livro “O pequeno príncipe”, lemos justamente a parte do cativar, com o objetivo de destacar como é bom ter amigos, que devemos sempre construir boas amizades, conversamos sobre o direito e o espaço do outro, e falamos a seguinte frase: “Não devemos obrigar as pessoas a fazerem nada, o que podemos fazer é tentar convencer com bons argumentos e aceitar sua posição.” Depois de alguns dias de pesquisa, tínhamos uma gincana com a

turma e um dos meninos não queria participar, um colega que estava muito empolgado tentava convencer o amigo, e então chegou uma criança da mesma equipe e falou: -“Ele não quer ir, você não pode obrigar ele participar, você já tentou e ele não quer, você agora tem que aceitar, lembra que a professora disse isso?” Nesse momento as pedagogas ficaram impressionadas e admiradas com atitude da criança, foi muito interessante como ele aprendeu a mensagem que há alguns dias tínhamos passado, interiorizou o conteúdo e depois transmitiu à sua maneira.

Com as duas turmas percebemos que muito da postura do professor é notado na sala, e depois utilizado pelas crianças, por mais simples que sejam, as atitudes refletem nos alunos, às vezes uma criança que fala muito alto ou que é muito impaciente, talvez seja apenas o reflexo do que ela está acostumada a viver em seu contexto escolar e até mesmo familiar.

Segundo Arantes (2003) entende-se que;

concerne à necessidade de pensarmos uma escola em que os estados emocionais dos profissionais que ali trabalham sejam positivos, baseados na alegria, na felicidade e satisfação interna, para que possam desempenhar de maneira eficiente seu papel de educadores. (p. 126)

Então torna-se necessário que os professores também sempre estejam felizes e alegres com o que escolheram desenvolver. É necessário uma satisfação pessoal pelo trabalho desenvolvido para que a mesma satisfação contage sua prática.

✓ Escuta Sensível

A escola como espaço de socialização das crianças no qual passam bastante tempo do seu dia, conseguindo mostrar seus potenciais, suas dificuldades, carências, qualidades, sentimentos, inseguranças. Posturas que na educação infantil e sempre muito percebida pelos profissionais, com as observações durante a pesquisa e em outras situações conseguimos perceber como o professor conhece seus alunos, e notável como o conhecer dela está diretamente ligada em algum adjetivo, ou personalidade do aluno, como por exemplos os mais carinhoso, mais bagunceiros, mais estudiosos, com mais

dificuldade em aprender, mais imperativo dentre tantos outros rótulos que o professor usa para identificar o aluno porque conhecer vai além das características que a maioria dos professores observa.

O professor dedicado que se importa com seus alunos, está atento a postura da criança, aos diálogos, sempre que necessário faz intervenções mesmo em assuntos que não são pertinentes a sala de aula, esse olhar, ou para alguns, escuta sensível do professor, reflete expressivamente na sua sala de aula, uma turma que sabe que seu professor não apoia, ou não demonstra nenhum interesse de ajudar, com certeza os alunos não se sentirão a vontade para contar seus problemas, não sentirão confiança em expor suas angústias e dificuldades.

O professor na sua relação diária com as crianças deve conhecer as variáveis que existem dentro da sala de aula, as condições sociais, econômicas, familiares, históricas, que sem dúvida influenciarão na capacidade de aprendizado do aluno, na forma de se expressar, nas suas capacidades de interações e respostas, se faz necessário que o profissional se abra para esses aspectos, se abra para a realidade dos seus alunos.

Cerqueira (2011) ao falar sobre escuta sensível diz:

A escuta sensível busca compreender o outro nas suas singularidades, totalidade e valores, ou seja, no seu processo histórico-social-cultural. Mais do que ensinar a ler e escrever, explicar matemática e outras matérias é preciso ouvir os apelos silenciosos que ecoam na alma do educando. Afinal escutar no seu sentido mais simples é ouvir com atenção.(p.38)

A escuta sensível é um dos pilares importantes do trabalho pedagógico, que se preocupa com o desenvolvimento e a aprendizagem da criança e, portanto, com a oferta de uma educação infantil de qualidade. Essa escuta deve nortear o planejamento e as práticas do professor, com ela ele tem a oportunidade privilegiada para acolher as ansiedades e as dúvidas das crianças, elaborando situações cotidianas reflexivas e contextualizadas.

A escuta pode contribuir grandemente para as relações de todos os profissionais, muitas vezes os profissionais da educação não são valorizados e

nem reconhecido pelos seus colegas, não existe uma escuta sensível sobre os conflitos dos profissionais. A escuta, quando se estende por todo o ambiente escolar, constrói uma nova realidade educacional, onde todos tem o seu devido reconhecimento, ela é uma porta que nos leva a conhecer o outro na sua totalidade humana e social. Permite conhecer as várias faces de uma pessoa, seu lado forte, seu momento frágil, sua dor, sua alegria, sua coragem, seu medo, a escuta nos permite a aproximação, e está é sua maior proposta.

✓ Propostas e planejamentos pedagógicos das escolas

A proposta pedagógica é a identidade da escola, ela estabelece as diretrizes básicas e a linha de ensino e de atuação na comunidade. Ela formaliza um compromisso assumido por professores, funcionários, representantes de pais e alunos e líderes comunitários em torno do mesmo projeto educacional.

Durante as observações encontramos escolas com suas propostas e planejamento bem definidos, sempre pensando e agindo no coletivo, incentivando a presença e união com a família, transmitindo e desenvolvendo com as crianças conceitos que vão além do ler e escrever. A educação mesmo que infantil sendo sempre voltada para a construção de bons cidadãos, que saibam aceitar e respeitar o próximo, aprendendo a compartilhar, cientes de seus deveres e direitos trará resultados positivos futuramente.

A partir da proposta temos o planejamento, a parte principal da escola, onde podemos discutir e construir como será desenvolvido cada conteúdo, como os temas transversais para a escola, serão desenvolvidos como o professor fará a mediação desse tema. Trabalho que necessita de muita atenção e compreensão da realidade com que está lidando, o professor gasta tempo com isso e mesmo com todo cuidado e dedicação às vezes não sai como o planejado.

Conforme Arantes (2003):

trazer para o dia-a-dia das salas de aulas conteúdos transversais relacionados aos sentimentos, emoções e aos valores significa buscar formas de organização do trabalho

escolar baseados em espaços e tempos diferentes dos tradicionais. (p. 164).

Notamos que em relação ao planejamento a professora da turma Lua sempre se preocupava em preparar aulas diversificadas e que despertassem o interesse dos alunos, pensando sempre em métodos para que o desenvolvimento dos alunos acontecesse de forma satisfatória, e quando não acontecia, ela sempre buscava meios de auxiliar os alunos, como encaminhá-los para as aulas de reforço ou até mesmo dando maior atenção à criança durante a aula.

A preocupação em preparar aulas de interesse das crianças e não apenas como forma de transmissão de conteúdo é uma grande forma do professor expressar seu carinho, atenção e afeto por sua turma, aspecto esse que com certeza a criança percebe em cada gesto de desenvolvimento das atividades do professor.

As comunidades das escolas também interferem positivamente no projeto escolar, era notável como algumas posturas apresentadas pela escola era o reflexo do que a comunidade pensava. A presença da família nas escolas contribuiu para esses resultados, conseguimos perceber que mesmo com todas as diferenças regionais, econômicas, sociais que já foram citadas na pesquisa, as escolas tinham ideais muito parecidos, isso nos faz perceber que não existe “lugar” para educação de qualidade, que não existe dificuldade, que com dedicação ao trabalho não possa ser solucionado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As descobertas e experiências que o devido trabalho me proporcionou foram de grande importância para minha formação como pedagoga. Observar como as relações afetivas são construídas na educação infantil, como essa relação pode influenciar no desenvolvimento das crianças, tanto positivamente como negativamente, nos proporciona refletir sobre nossa formação enquanto professora e nossa postura diante da sala de aula.

Conhecer um pouco do longo caminho que a educação infantil percorreu para termos o modelo de hoje foi fundamental para pesquisa, nota-se que com o passar do tempo alguns aspectos, que nem eram citados nos documentos legais da educação, ganharam seu espaço, como a figura da criança se tornou importante e presente em leis, em congressos, em documentos legais, como os direitos e deveres dessas crianças se tornaram prioridade.

Com o período de observação, vimos como a prática e a teoria funciona nos modelos de escola que temos hoje, percebeu-se pela experiência com as professoras e pelos conceitos apontados pelos teóricos descritos neste estudo, que há uma integração entre a teoria e a prática. Vimos também como realmente as relações afetivas têm importância no processo, ver como o professor tem um papel essencial na construção do saber, tanto nos fatores cognitivos como afetivos. Torna-se necessário ter uma escuta sensível, um olhar atento por parte do professor que a cada dia se descobre e reinventa sua prática.

As séries iniciais especificamente exige mais afetividade no convívio com os alunos. A interação com a escola é um fator essencial para que a criança se desenvolva, se envolva e se relacione melhor com o meio. A presença da família com a escola e os professores é muito significativa para o processo de aprendizado das crianças, a confiança mútua interfere positivamente.

A compreensão do acolhimento também é um fator significativo para o relacionamento da criança com a escola, com os profissionais da área, com os

colegas da sala. Entender que cada faixa etária exige maneiras mais atraentes de acolher, de conversar, de brincar, de transmitir os conteúdos é de primordial importância para a aprendizagem.

Ao finalizar essa pesquisa, conclui-se que a afetividade se faz fundamental para todo o tipo de relação, seja ela professor e aluno, pais e filhos, pais e professoras, todos da equipe escolar, que não se prende em classes sociais, econômicas, faixa etárias, sexo, cor, aparências físicas, ou qualquer outro tipo de diferenciação, o afeto é um sentimento desprendido de valor ou intenção, que pode levar a grandes ganhos em qualquer troca.

Com a construção da pesquisa, conseguimos compreender como o afeto pode definir uma educação mais harmoniosa e transformadora para todos os envolvidos no processo educacional, quanto melhor a relação de afeto entre a professora e seus alunos, maior a chance do processo educativo se desenvolver de forma estável e segura, tornando o clima da sala de aula mais produtivo e prazeroso.

Entender, escutar, olhar atento para as crianças, diante das escolas super lotadas que temos hoje na educação básica do Distrito Federal, nem de longe é uma tarefa fácil, mas a dedicação do profissional interessado faz toda a diferença. Devemos compreender que as crianças precisam se sentir amadas, acolhidas, reconhecidas pelos seus esforços, que necessitam de espaço para expressar seus sentimentos de medo, insegurança e tantos outros.

O processo de desenvolvimento das crianças representa muito sobre o valor que damos e esperamos para o nosso futuro, sendo eles os responsáveis pelo nosso amanhã, a construção desses cidadãos sendo voltadas para o respeito, amor, solidariedade, ética, moral de conduta, formam uma educação transformadora com pessoas melhores. Devemos cuidar das crianças como se fossem uma árvore para que possa crescer forte e dar bons frutos.

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

No curso de pedagogia durante minha formação consegui conhecer vários vieses que um pedagogo pode atuar e o quão importante essa profissão é para nossa sociedade, por mais que seja desvalorizada em praticamente todos os âmbitos, o profissional sabe que seu valor será reconhecido todos os dias com os pequenos saltos dos alunos em sala de aula.

Durante o curso tive a oportunidade de conhecer varias pessoas, das mais diversas áreas que a pedagogia pode ocupar, e em alguns casos vivenciei os espaços de atuação deles. Com essas experiências tive a certeza que a educação infantil é o espaço onde quero atuar, os pequenos tão inquietos, inseguros e tão sinceros em suas demonstrações de carinho me cativaram, sei que por mais desafiadora e estressante que seja essa fase, meu perfil de ser uma pessoa paciente e de ter muita paciência e bom humor me ajudará nesse sentindo.

Tenho como objetivo agora encontrar uma trabalho na área desejada, contando com a possibilidade de estar atuando na rede pública ou particular, creio que o profissional não pode ter pré-conceitos em relação ao campo de atuação, obvio que as diferenças são gritantes, mas acredito que tudo pode ser utilizado como experiência profissional.

Pretendo também fazer um curso de inglês já que hoje em dia existe uma movimentação muito grande das escolas em oferecer atendimento bilíngue. Quero também mais para frente fazer uma pós-graduação, especialização na área de orientação educacional, que é um campo que gosto muito, e futuramente voltar para academia em busca do mestrado e doutorado.

Sei que durante esses 4 anos no curso e as vivências que a pesquisa me possibilitou me encontrei na profissão, sei da responsabilidade que é ser professora, e consigo ver como é gratificante e enriquecedora. Com toda certeza levarei para minha prática todos os valores afetivos que aqui foram abordados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Valeria Amorim. **Afetividade na Escola: alternativas teóricas e praticas**, SP. Summus, 2003.

BRASIL. **Lei nº. 9.394/96 – Das Diretrizes e Bases da Educação Nacional.**

Brasília: Dezembro de 1996 (Artigo 29).

BRASIL. **Lei Nº 8.069. Estatuto da Criança e do Adolescente.** 13 de julho de 1990.

BRASIL. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil.**

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília, 2006.

BRASIL. **Planejando a próxima década. Conhecendo as 20 metas do Plano Nacional de Educação.** Ministério da Educação / Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC/ SASE), 2014.

Plano Nacional de Educação. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2002.

ORTIZ, Cisele. **Cuidados Compartilhados, um Planejamento para Acolher os Pais.** Revista Avisa Lá. 2000.

ORTIZ, Cisele. **Entre Adaptar-se e Ser Acolhido.** Revista Avisa Lá. 2003.

MATTOS, Mariluci da Silva. DAMIANI, Magda Floriana. **O sucesso escolar e sua possível associação com relações afetivas positivas entre professor e aluno.** Disponível em:

<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1543/392>. (Acesso 8 de março de 2016).

VALLADARES, Licia. **Os dez mandamentos da observação participante.**

São Paulo: Rev. Brás, 2007. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000100012 (Acesso em 15 abril de 2016)

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

ANTUNES, Celso, **A Afetividade na Escola**, Coleção Afeto e Limites, Londrina, Maxiprint Gráfica e Editora, 2006.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. **(Con)Textos em escuta sensível** / Elane Mayara Sousa, Leonília de Souza Nunes, Maria de Fátima Guerra de Sousa, Maruza Bastos de Oliveira; organização de Tereza Cristina Siqueira Cerqueira – Brasília: Thesaurus, 2011. 198 p.

PIAGET, Jean. **O Juízo Moral na Criança**. São Paulo:Summus, 1994. 302 p.

CHALITA, G. *Educação. A solução está no afeto*. São Paulo: Gente, 2004.

LEWGOY, Alzira M^a. B;SCAVONI, Maria Lucia. **Supervisão em Serviço Social: a formação do olhar ampliado**. In: Revista Texto & Contextos. EDIPUCRS. Porto Alegre: 2002.